

Entrevista com Joceli Andrioli

por Natacha Rena e Paula Guimarães



No dia 6 de novembro de 2018, nós da equipe do Indisciplinar [1] recebemos Joceli Andrioli, da coordenação nacional do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), na Escola de Arquitetura e Design (UFMG) para realização de uma entrevista que abordaria os temas deste número da Revista Indisciplinar: soberania nacional e popular.

Constantes ameaças e ataques concretizados à soberania brasileira são sinalizados pelas ações de privatização de empresas e recursos naturais e estratégicos, políticas de desinvestimento em bancos e empresas estatais, estrangeirização de empresas nacionais (públicas ou privadas), assim como venda de terras para países e grupos estrangeiros, enfraquecimento das políticas de proteção social e repositionamento geopolítico do país a uma condição subalterna em relação aos países centrais ou hegemônicos. Estes fatores explicitam os interesses e disputas internacionais que, segundo nossa hipótese, desencadearam o Golpe ao Estado Democrático de Direito brasileiro, com evidente ênfase em processos envolvendo o judiciário, o congresso nacional, a mídia hegemônica e pressões explícitas de petroleiras como a anglo-holandesa Royal Dutch Shell.

Sem dúvidas, a construção de alternativas frente ao atual contexto político-econômico suscita como premente o debate sobre geopolítica e soberania nacional nas agendas dos movimentos sociais de escala nacional e internacional, assim como nos grupos acadêmicos de investigação sobre o território.

É nesse sentido que o MAB tem se destacado como um dos principais movimentos populares brasileiros que alavanca fortemente o debate da soberania energética, e por isso, não se abstém da imprescindível leitura geopolítica para compreender e atuar frente à atual conjuntura política nacional e internacional.

Desde a estruturação do movimento na década de 1970 até os anos 2000, as ações do movimento estavam focadas nos confrontos locais em defesa dos direitos dos atingidos por Barragens Hidrelétricas. Posteriormente, o movimento ampliou sua escala de atuação em direção à defesa da soberania energética do país, investigando o funcionamento das empresas do setor, bem como, os regimes de distribuição e concessão da produção.

A luta atual do movimento pró-soberania popular, principalmente do MAB, pode ser sintetizada no mote “Água e energia com soberania, distribuição da riqueza e controle popular”, que puxou o 8º Encontro Nacional dos Atingidos por Barragens em outubro de 2017, um grande ato em defesa das empresas e recursos naturais nacionais, sediado na cidade do Rio De Janeiro.

1. O roteiro da entrevista, que aborda a crise global do capital, as disputas geopolíticas que circunscrevem o golpe em curso no país e suas conexões com o desastre-crime no Rio Doce, foi proposto pela professora Natacha Rena, líder do grupo de pesquisa Indisciplinar e coordenadora do projeto extensionista Cartografias Emergentes do Rio Doce, e pela doutoranda Paula Guimarães, co-coordenadora do mesmo projeto. A conversa contou com a presença de pesquisadores do grupo da frente de ação Cartografias do Rio Doce e do projeto de pesquisa Geopolítica e Territórios, Danilo Caporalli, Felipe Hardy, Henrique Porto, Maíra Ramirez, Raul Lemos, Lucca Mezzacappa e Susan Lecuona. A transcrição da entrevista foi realizada por Felipe Hardy.

Nos últimos 3 anos, imediatamente após ao rompimento da Barragem de Mineração de propriedade da Samarco (empresa fusão da Vale - mineradora multinacional brasileira e uma das maiores operadoras de logística do país - com a BHP Billiton - mineradora e petrolífera anglo-australiana multinacional na Austrália), a ação do MAB é transversal a toda bacia do Rio Doce, incluindo a realização de denúncias em espaços internacionais. A parceria do MAB com diversos atores que lutam em prol de justiça social tem sido fundamental para a garantia de direitos e conquista de assessoria técnica junto aos atingidos, inclusive com autonomia com relação às empresas para apoiar os atingidos. Foi a partir deste contexto que tecemos a aproximação com o movimento, pois esta é a temática de estudo da pesquisadora Paula Guimarães, desde o mestrado e que prossegue agora no doutorado - NPGAU UFMG - e se articula com os programas de extensão Natureza Política, coordenado pela Professora Marcela Brandão, e ao Participa UFMG, coordenado pela Professora Cláudia Mayorga.

Indisciplinar [2]: A primeira questão que achamos importante dizer, iniciando a entrevista, é que temos muito interesse em compreender as relações entre território e geopolítica. Entendemos que existem múltiplas dimensões que permeiam a noção de território - o território local, território nacional - e também o territórios das lutas, onde os movimentos que nosso grupo é parceiro atuam. Mas para analisarmos estes processos, sabemos que é preciso conhecer o contexto geopolítico no qual as lutas territoriais estão envolvidas. Por isso, é importante conversar com o MAB e com a sua coordenação, porque conhecemos o movimento e sabemos que adota uma posição estratégica diante do contexto global em paralelo e articulada à atuação local, já que o MAB luta em nome da soberania popular, nacional, energética. Gostaríamos de pedir para você começar falando do contexto político mais amplo, que é a crise do capital dos últimos anos.

Joceli: Muito bem! Para nós do MAB é um prazer poder participar do debate com o pouco que nós pudermos contribuir. Nós achamos que é muito importante nesse momento histórico para todos os movimentos sociais, e também para a academia, se colocar frente a esses temas. Primeiro é o tema da atual crise do capitalismo. Na nossa avaliação é uma crise profunda e prolongada. É uma crise no centro do império, do imperialismo norte-americano principalmente, que obviamente, contamina todos os poderosos mundiais, a Europa, Japão, provocando crises em todas as grandes potências econômicas do momento histórico. Tem uma crise no centro do imperialismo, mas ao mesmo tempo, tem uma disputa a partir dessa crise. Tem uma disputa que tá na esfera da disputa intercapitalista, na nossa avaliação. Ou seja, é um momento em que ainda o capitalismo está numa fase que os grupos se matam entre eles para centralizar e concentrar capital, e por sua vez aumenta a crise. Porque ele não resolve o problema central que é do capital inconstante e da sua contradição principal: ao centralizar e concentrar, ele cria mais crise. Então é uma disputa intercapitalista. E isso, obviamente, acirra e traz uma disputa de poder junto com ela.

Mas tem uma terceira disputa que está colocada e que pouco está se discutindo nesse momento... Vamos dizer que, na nossa percepção, não há ainda um conhecimento racional, um estudo sistemático se debruçando sobre o tema. A impressão que nós temos é que nesse terceiro plano da disputa, nós temos atores diferentes, atores diferentes da característica central da crise do imperialismo. E assim, traz para o contexto uma disputa econômica diferente e por sua vez, uma disputa política diferente. Então não necessariamente é uma disputa clássica intercapitalista. Veja bem, aí nesses atores o que que nós vamos encontrar. Nós vamos encontrar uma luta interna nas grandes potências, que têm assumido papéis diferentes. Na Europa, as relações na União Europeia, do envolvimento da Inglaterra, traz esse elemento. Nos Estados Unidos, a briga política que é acirrada nesse momento da crise, trazendo um elemento conservador, que é um elemento diferente na disputa

2. A equipe do Indisciplinar iniciou a entrevista com Joceli Andrioli, da coordenação nacional do Movimento dos Atingidos por Barragens, se comprometendo a gravar e filmar, mas não publicar o vídeo por hora. A proposta é fazer a transcrição, enviar para o Joceli e para o movimento, para que sugiram edição do que acharem necessário, e devolverem para a equipe do Indisciplinar para que se possa publicar posteriormente.

econômica e política. Mas tem um terceiro pólo que enfrenta essa disputa numa outra perspectiva, que é a perspectiva da resistência frente a essa grande crise. Só que uma resistência que está passando, em nossa opinião, de defensiva para mais ofensiva, que é o papel da China nesse momento histórico.

O que é o fenômeno capitalista na China, né? A China não se configura, na nossa avaliação, da mesma forma como o centro do Império, a partir da concentração e da centralização de capital. O que é o fenômeno da China? Tem uma grande concentração de riqueza pela sua atuação mundial na economia e ela joga as regras do jogo mundial. No entanto, internamente ela descentraliza economicamente. Como ela descentraliza economicamente? Incorporando os pobres da China no modelo econômico e de consumo. Então isso vai fazer o que? Vai fazer com que na China não tenha grandes empresas capitalistas. O Estado controla a economia, e principalmente, controla a economia a partir da direção de um partido comunista. Não parece pouco esses elementos, né? Parece uma coisa estranha frente a um período recente, um passado recente em que nós fomos derrotados na guerra fria, através da vitória para o lado norte-americano sobre os modelos socialistas. Nessa derrota, a gente vê que teve um certo fechar de olhos para fenômenos como o desenvolvimento econômico da China.

Então nós precisamos aprofundar o estudo desses elementos, para entender como a China vem se estruturando internamente e se posicionando na disputa mundial, sob as perspectivas econômica, política e social. O fato é que ela faz a disputa econômica dentro das regras do jogo a nível internacional e começou a ganhar essa briga econômica. Todos os dados indicam que a China já ultrapassa o centro do império. Veja bem, sem criar a mesma crise. Trazendo elementos de incorporação de trabalhadores, de melhoria dos índices de qualidade de vida, melhoria do desenvolvimento econômico e também do grande debate que é o desenvolvimento sócio-cultural e tecnológico, este é um elemento de grande disputa que o capital é um dos calcanhares de Aquiles, né?

Nós avaliamos assim, as saídas clássicas das crises do capitalismo são pautadas por alguns elementos: primeiro, o elemento clássico que é mais exploração da força de trabalho. Então, se definem no mundo um padrão, novos padrões de exploração da força de trabalho. E aí nós já temos um problema mundial muito grande, que é permitido com a desorganização da classe trabalhadora e a derrota estratégica da classe trabalhadora, enquanto instrumentos de luta para superar isso. Então no mundo, uma das saídas clássicas da crise do capital é a maior exploração dos trabalhadores.

Segunda disputa de peso no mundo é a disputa pela organização da produção e o papel do Estado nisso, né? Então nós temos que fazer o estudo aprofundado dos tipos de Estado de como é que os Estados estão organizados na economia de nível mundial e como o capitalismo sempre modificou o papel do Estado nesse momento das crises.

A terceira disputa é sobre as novas tecnologias, que permite a acumulação através

de novas tecnologias, reduzindo o custo de produção e aumentando a eficiência do mercado. Na atualidade, a grande disputa tecnológica se dá em como casar comunicação com produção. Então quem mais concentra nível de informação casada com produção possui maior capacidade de acumulação. Olha, nós estamos vendendo o Uber, por exemplo. O que é o Uber? Um sisteminha de computador que pelo fato de ter ele no mundo todo, pode explorar quantos milhões de trabalhadores no mesmo minuto? Através de um modelinho tecnológico, através de um aparelhinho que a massa possui hoje. A partir disso, por exemplo, se organiza uma informação e toda relação dessa cadeia produtiva no mundo. E assim, várias cadeias produtivas têm se organizado. Inclusive, já existe o debate de inteligência artificial para poder dominar toda cadeia produtiva com vários modelos analíticos de possível crise ou não, ou seja eu debato a tecnologia da comunicação, do nível de informação. E aí cresce a importância de investimento em satélites, da guerra espacial e mapeamento, inclusive de outros planetas, né? Nós estamos vendendo essa guerra se desenvolvendo nesse momento, mesmo não tendo condições de acessar. Mas por que? Porque é vital a disputa da tecnologia de comunicação na produção, de mapeamento e assim por diante.

Quarta saída clássica do capital, a disputa pela base natural estratégica. Nesse momento, as mercadorias da humanidade e as indústrias ou melhor, a cadeia de indústria mundial está organizada por um tipo de mercadoria que é o modo de consumo do povo a nível mundial. Essa que é a grande questão do petróleo a nível mundial, porque o petróleo é a base das mercadorias de massa da atual sociedade. Qual é outro elemento? A mineração. A mineração é o segundo elemento das mercadorias de massa na sociedade. Então esses dois elementos são disputados com muita intensidade e isso tem a ver com os locais onde as bases naturais são mais vantajosas em relação às outras bases. Então quem tem o mapa dos locais onde a base natural é mais estratégica? Quem sabe, por exemplo, sobre o minério de ferro, o índice de aproveitamento maior do que as outras jazidas? Quem tem o mapa e domina isso sai na frente na disputa pela base natural.

Aí podemos citar o principal, o petróleo. Porque o petróleo é a base das mercadorias mundiais e a base principal da energia dos transportes, que é a energia líquida. Não existe na atualidade energia líquida que não seja da fonte do petróleo. E todo sistema de transporte mundial está basicamente ancorado na energia líquida. Então por si só o petróleo é uma matéria fundamental. Aí o pessoal diz "não, vai substituir o petróleo". Vai, mas pelo que? A longo prazo, porque ele ainda é base das mercadorias. Pode vir a substituir do ponto de vista energético, mas do ponto de vista da base de mercadoria vai ter a disputa ainda a longo prazo.

Indisciplinar: 85% de tudo que está aqui é petróleo...

Joceli: ...tem petróleo, ou seja, do ponto de vista energético, qual é a disputa atual que influencia diretamente na disputa da mineração atual, que tem haver com

energia? A disputa da energia solar, uma grande tecnologia em abundância. Qual é o calcanhar de Aquiles da eletricidade? São as baterias. Essa é a chave da questão. Para nós que usamos celulares, já é um stress, descarrega a cada pouco. Tem que carregar, né? Cada um hoje quando vai visitar uma casa já vê onde é a tomada para carregar o celular. Então quem inventar baterias que duram mais tempo, vai sair na frente. Assim é no grande modelo elétrico mundial.

Hoje o desenvolvimento de pesquisa se dá em grandes baterias. A Europa, por exemplo, está investindo em energia solar e está construindo baterias gigantes para acumular energia solar para otimizar as matrizes. No Brasil, nós temos uma base energética nas hidrelétricas, que são grandes baterias naturais. Nós vamos precisar atuar nisso aí. Mas qual é a disputa que existe aqui? Os elementos para construir as baterias. E o elemento para construir essas baterias mais eficientes e que permitem tornar realidade o carro elétrico e várias outras tecnologias, chama-se Lítio. 90% das jazidas de lítio está na Bolívia e grande parte aqui no Brasil, inclusive no vale do Jequitinhonha. Parece que 8% do lítio do Brasil está no vale do Jequitinhonha.

Qual é o outro elemento estratégico na disputa da base natural? Estou falando de tecnologia de ponta, da grande disputa tecnológica atual. O nióbio. O nióbio é a base tanto para a fronteira espacial, como para a grande infraestrutura de energia nuclear no mundo, dos reatores e assim por diante, como da indústria de massa. Essa vai ser a disputa do momento! O nióbio vai ser um elemento incluído na indústria de massa. O que eu quero dizer com isso? Eu vou ter um carro com uma bateria mais eficiente e por si vai girar mais, mas ele vai ser mais leve. E para ser mais leve ele vai continuar com metal e plástico, mas vai ter um novo elemento que permite ele ser durável tanto quanto e ser mais leve. Esse elemento chama-se nióbio. Então, a base natural, ela adquire uma disputa diferente nesse momento nas saídas clássicas do capitalismo, quem se posiciona melhor. Bases naturais estratégicas, com grande capacidade de produção e mais eficiente ganham a disputa, né? Podemos falar isso da água, e aí nós estamos vendendo a adesão a nível mundial e os alimentos que já são nomeados há mais tempo por grandes multinacionais que já controlam mundialmente esses setores.

Então além da base natural, vem um outro elemento que nós não podemos errar na análise. É saída clássica do capitalismo o nível de dominação das massas. Ou seja, a disputa ideológica, então o quinto elemento da saída clássica do capitalismo é como eu faço a disputa ideológica. A disputa ideológica, inclusive, na atualidade se dá no estilo de fazer a guerra. A ideologia era usada para dominar as massas. Depois da escravidão que a violência foi o grande elemento de dominação de massa. O uso do poder coercitivo continua nas polícias, na organização dos estados para garantir a segurança pública através do uso do instrumento da violência, mas o grande instrumento moderno é a ideologia, que se dá em três grandes campos: ideologia nas universidades, ideologia nas escolas como um todo, ideologia nas igrejas, por essa dimensão religiosa. Isso é um tema mundial, inclusive desconhe-

cido pela esquerda, né? A esquerda não disputa isso. É uma grande lacuna porque todo sujeito é um sujeito espiritual, religioso na sua constituição. O problema é quem está por trás dominando... E a tecnologia atual, que é a disputa das massas através dos meios de comunicação. Então esses três elementos são elementos de uma mistura hoje da grande disputa mundial. Podemos ver que na atualidade, a disputa ideológica se dá através de uma organização, que está sendo apelidada de guerra híbrida. Da forma de fazer essa disputa na sociedade. Que é utilizado o mesmo instrumento das guerras. Qual é o instrumento da guerra? Cria uma mentira e massifica ela para poder justificar o esmagamento. E isso se deu em muitos países. Por exemplo, disseram "o Iraque tem bomba nuclear". Eu construo uma mentira que justifica esmagá-lo depois, né? Agora é a vez das famosas fakenews. Essa é a grande estratégia que tem sido utilizada nas políticas a nível mundial. Inclusive, as forças militares dos países discutem na atualidade o quarto comando, que é o comando cibernético, para enfrentamento da atualidade dessa disputa. Porque isso tem sido um fator de peso na disputa. Ou seja, são atualizações das saídas clássicas do capitalismo para esse momento histórico. Então a guerra se insere quase dentro da disputa ideológica. Não, não sou uma pessoa que descarta possibilidade de terceira guerra mundial. É possível. Louco existe bastante no mundo para isso, né? E o acirramento da disputa está cada vez mais agudo. Mas por enquanto ela é usada como elemento regional de disputa. Então todo mundo searma, mas essa grande disputa hoje destruiria o planeta, destruiria a humanidade, então é uma coisa mais complexa. Então qual é os elementos da modernidade da atualidade? Esse tipo de guerra híbrida que é a disputa ideológica no princípio principal. Por isso desmoraliza, esmagá e domina. Esse tem sido o método a nível mundial. Bom, essas saídas clássicas, o imperialismo tem usado no mundo todo.

O problema é como vai se enfrentar isso na disputa geopolítica que está sendo pautada nesse momento? Nesses três pólos? O polo do núcleo duro do imperialismo, que tem a sua disputa intercapitalista e ele se divide em dois no mundo EUA e Europa. Com outro polo que tem elementos diferentes que é a China. Primeiro elemento escandaloso: um partido comunista no centro dirigindo. Será que é só pra inglês ver? Talvez eles queiram que os ingleses pensem assim ou todos os descendentes dos ingleses. O que o partido comunista dirige como principalidade? A disputa ideológica, a disputa das massas de seu país. Este é um elemento de estudo. Segundo elemento: o Estado. Nós temos provas disso no Brasil e em vários lugares no mundo: o Estado na economia é mais eficiente do que a iniciativa privada. A iniciativa privada pode ser mais eficiente do ponto de vista das unidades de negócio. Mas enquanto cadeia produtiva o Estado tem um nível de eficiência muito maior, anos-luz na frente da iniciativa privada. O problema é o seguinte, isso foi enfrentado do ponto de vista ideológico pelo neoliberalismo principalmente, no combate ao Estado. Por quê? Porque eles precisavam de se apropriar disso nesse momento da sua forma de saída clássica da crise. Apropria do Estado e fala que é diferente. Vou me apropriar principalmente do que? Não da disputa do Estado na

produção. Da mais valia social do Estado que é a grande disputa do momento. Isso que gera as crises financeiras do Estado é o nosso calcanhar de Aquiles. No Brasil nem tanto, se nós compararmos Brasil com outros países, nós vamos ver que aqui tem muita gordura para queimar. Nós chegamos agora a 50% do orçamento a ser usado para pagamento da dívida. Tem estado que é 100% do compromisso do orçamento com a dívida. Ou seja, tem massa para queimar essa disputa do Estado. Mas o que que isso traz? Traz a disputa do papel do Estado na produção. Na China pelo menos tem um partido Comunista dirigindo um Estado totalmente eficiente que apostou na tecnologia de massa e no desenvolvimento tecnológico incorporando as massas. Quando na iniciativa privada eu vou priorizando poucos para fazer, aqui tem o elemento da quantidade. E agora isso ta em disputa comparativa no mundo. Um elemento da guerra, esse polo não está para brincadeira, não é um polo que só vem disputando pela economia. Ele construiu força militar na sua articulação política a nível internacional e no seu desenvolvimento tecnológico interno. Então não queiram testar o poder de fogo desse terceiro bloco, porque provavelmente será uma catástrofe mundial. Ou seja, esse enfrentamento desses três fenômenos, desses três elementos, configuram a atual geopolítica. Bom, isso tem se chocado aqui na América Latina, os interesses claros desses polos. E tem reconfigurado politicamente a disputa a nível internacional também. Nível de conservadorismo que eu preciso cada vez ter menos ganho social de massa. Então eu preciso aumentar o nível de conservadorismo na sociedade e aí nós vimos resgatado aqui no Brasil esse elemento como principalidade. E quando a gente está numa aparente democracia parece que tá tudo bem. Vai avançando o debate da questão social, vai avançando o debate da questão de gênero, vai avançando o debate da questão LGBTQI's a nível mundial. Criou-se a ilusão de ruptura dos preconceitos do conservadorismo. Nesse momento eles fazem um enfrentamento. E eles fazem um enfrentamento com uma base cultural que não superou ainda essa questão e leva, por que quer a hegemonia. Nós vimos isso no Brasil. Eu sou um idealista, então eu não queria acreditar que era possível se configurar este cenário no Brasil, porque eu não tinha visão correta do que é o nível do conservadorismo nas massas. E quando eles conseguem ter um instrumento de centralização e de disputa do poder nas massas, como o discurso conservador, ganham porque a base é maior. E isso nós vimos agora no Brasil e estamos assistindo no mundo. O que vai dar isso, qual é o tempo que vai durar, não sei. Quando parece que tranquilamente estamos construindo o empoderamento, às vezes não vemos a velocidade necessária nesses momentos de mais acirramento. Os momentos de mais acirramento são momentos decisivos. Portanto, nós temos hoje um contexto mundial que são momentos decisivos do ponto de vista do grande enfrentamento. E aí vem uma questão da conjuntura que é o contexto internacional, está mais favorável ou menos favorável num contexto de esquerda? Muitos vão dizer logo na primeira impressão, está desfavorável o momento para a esquerda para a construção de um projeto de sociedade mais igualitário e de um projeto de desenvol-

vimento integral do ser humano no âmbito mundial. Mas será que é verdade? Nós estamos mais próximos dessa realidade, dessa condição objetiva do que estávamos no saída da guerra fria que foi a derrota dessa perspectiva, do socialismo real no mundo. Então esse é um debate para as esquerdas nesse momento histórico. O momento é de analisar essa disputa na esfera política e como é ela [a esquerda] se posiciona diante desse cenário? Então nós veremos que o senso comum ajuda a quem? Dizer que a China é igual aos Estados Unidos, que é imperialista tanto quanto, que o modelo econômico é capitalista não ajuda nada porque não é real cientificamente. Nós precisamos estudar e aprofundar para ver se esse modelo econômico ele se coloca como uma pauta política. O enfrentamento da crise do capitalismo pelo centro do capitalismo ta colocando esse terceiro pólo a entrar numa briga de uma forma diferente. [O terceiro polo] Vai ter que disputar um projeto político e não só mais um projeto econômico a nível mundial e esse pode ser um elemento da nova conjuntura que poucos tão vendo, né? E que nós precisamos debater e precisamos acumular conhecimento nesse momento histórico. Então, esse é o contexto mundial.

Vamos para o Brasil. O Brasil dentro dessa disputa. Primeiro: O Brasil é um grande território do ponto de vista dos interesses da atual briga, da atual disputa geopolítica e ele apresenta todas as condições favoráveis para dar fôlego às saídas clássicas da crise do capitalismo. Mas ao mesmo tempo ele é base vantajosa e extraordinária para a afirmação de um outro projeto, de um outro projeto possível de desenvolvimento inclusivo. Porque aqui nós temos uma certa organização de Estado. Nós temos uma classe trabalhadora que obteve ganhos no último período. Nós temos uma classe trabalhadora bem formada do ponto de vista do trabalho. Claro que tem um monte de gente que está excluída desse processo e vai lá dando lá seu jeito, se virando dentro do sistema. Mas nós temos uma classe trabalhadora em relação aos outros países muito vantajosa. E neste momento a reforma trabalhista e todas as outras reformas têm um papel importante na saída da crise, para viabilizar mais exploração dessa classe trabalhadora. No Estado, os elementos, a mais valia social que eu já falei, que o grande interesse é a briga dos bancos, com todas as políticas que eles fizeram na atualidade. Já desde o golpe do Temer, articulado com os Estados Unidos, via operação lava-jato, como forma de dominação ideológica e implementação do golpe, ou seja, um exemplo perfeito de guerra híbrida nesse momento. Criou-se uma operação lava-jato, que não vem para fazer justiça ou combater a corrupção. Ela vem para trabalhar as massas, para um projeto, ou seja, virou base do conservadorismo. No Brasil, por que que Bolsonaro foi eleito e eles tiveram a capacidade, através desse elemento na disputa da guerra híbrida, principalmente nessa nova ferramenta de comunicação, de roubar a base que o golpe construiu, né? E a direção desse golpe, não necessariamente já era desde o início a direção que se chegou ao poder nesse momento. Ela era provavelmente a estratégia anterior de outros polos de disputa, talvez de um segundo polo de disputa ali da luta intercapitalista, que afinava um tipo de golpe. O grupo

conservador ganhou com a operação lava-jato a base necessária para levar além do conservadorismo estimulado nas massas, a base ideológica anti-corrupção que se traduziu em anti-PT. Ou seja, eles utilizaram esse elemento para fazer a disputa na política, para fazer a disputa ideológica. Voltando para disputa da força de trabalho. Várias reformas estão sendo implementadas para retirar direito. E várias formas de saquear o Estado, né? Aqui é pela base natural vantajosa, principalmente. Escandaloso! Do ponto de vista da atual disputa geopolítica mundial vemos que a energia está no centro dessa disputa. Como eu já falei aqui sobre o petróleo. Nós temos a Venezuela com mais 300 bilhões de barris de petróleo, nossa vizinha. O Brasil com a descoberta do pré-sal com 178 bilhões de barris de petróleo. Mas não é só pela quantidade de petróleo é também pela qualidade de petróleo. Sob domínio de uma estatal que controla o excedente a serviço da sociedade brasileira. Isso não interessa a ninguém esse tipo de Estado, esse tipo de intervenção do Estado para o interesse social. Então veja só: casaram elementos da disputa da base natural com elementos de como o Estado organiza isso. Por isso [para as grandes potências internacionais] é importantíssimo desmontar a Petrobrás e montar um modelo do pré-sal e ter essa riqueza só para eles. Não só a qualidade do pré-sal, a quantidade do pré-sal, a organização do Estado sobre o pré-sal é importante, mas também, a tecnologia que o Estado Brasileiro dominava para a nova fronteira de pré-sal no mundo ou de petróleo em grandes profundidades. Me parece que pelos estudos da geologia mundial vamos ter outros territórios parecidos com o pré-sal brasileiro. A Petrobrás seria a grande referência mundial. Ou seja, o Brasil participaria no centro dos maiores interesses que é a questão energética atual que é o petróleo a nível mundial com condições de empresa pública e Estado e por sua vez o seu credenciamento político no mundo para fazer essa articulação. Então esse é um dos elementos centrais da disputa aqui, né? Vamos baixar a bola desses caras, o golpe vem para isso? Com os interesses econômicos, os interesses políticos e cercar o país e tal.

Vamos lá para a pauta do desafio de resistência nesse momento histórico. Isso envolve o papel dos movimentos populares, no caso eu vou falar do MAB, dos desafios que o MAB tem. Mas que pode servir de exemplo para várias outras forças populares de esquerda. Porque nós temos um dilema no Brasil: nós não ficaremos de fora no próximo período da disputa geopolítica por tudo isso que eu já falei, porque é um território imenso. O papel do Brasil na América do Sul, de articulador regional, de polo regional e aí somados com a Venezuela. A base natural além do petróleo, minério, a mineração da atual disputa tecnológica, a água doce do mundo está nesse canto do mundo, o clima fértil, terras férteis para produção de alimento. As condições naturais que apresenta esse território e as condições políticas que esse território apresentava. Então é isso que está em disputa aqui. "Baixa a bola!". Estas condições dão um fôlego enorme ao terceiro polo de disputa. Com o Brasil, você permite realizar um novo projeto de desenvolvimento econômico internamente à crise do capitalismo. Eu acho que esse talvez seja um dos elementos que

passe despercebido por essa falta de análise da crise do capitalismo e como ele é distribuída no mundo. Porque se esse polo que não concentra e centraliza economicamente, a economia não gera crise, ele é associado a um polo como a América do Sul e o Brasil, como o articulador, é uma coisa extraordinária.

Indisciplinar: E isso é o que você tava falando do Mercosul e do BRICS junto com o Brasil no governo do PT.

Joceli: Sim, tudo junto isso vira uma coisa extraordinária. Eu diria até mesmo, uma certa possibilidade do progressismo a nível mundial. Nós estamos de novo num momento de encruzilhada histórica, como já vivemos em várias situações da conjuntura brasileira num contexto internacional. Mas essa é uma grande encruzilhada histórica. A encruzilhada histórica da soberania nacional. Porque nós estávamos construindo condições para construção de projeto de uma nação. Para isso, nós vamos interferir na disputa do que é uma lacuna histórica nossa, o acerto de contas da revolução nacional, que nós tínhamos que fazer, como dizia Florestan Fernandes. É o acerto de contas com o imperialismo. Essa conjuntura internacional de disputa, o fato de nós estarmos inseridos no centro da disputa. O centro é um pouco de exagero, talvez tenham outras partes que são prioritárias nesse momento. Mas, do ponto de vista de base natural, de condições do Estado e de todas as coisas que eu citei, nós estamos no centro. A Europa não tem água para o planeta como o Brasil tem, a Europa não tem minério como o Brasil tem.

Indisciplinar: Fora a questão do consumo interno, que é a política da parte anticíclica que a Dilma vinha trabalhando.

Joceli: Exatamente, tomar esse mercado interno que é a grande potência e articula todos os mercados internos da América do sul especialmente. Então esse é o momento em que se põe em xeque isso. Porque o que está em questão? A soberania nacional. A soberania nacional está no centro do que vai ser o Brasil. Nós vamos ser como é a propaganda do Bolsonaro? Vinculado aos Estados Unidos, se dando por perdido nisso num momento em que nós estamos interessando para o mundo? E então como é que vai ser essa relação do Brasil? Abre-se aí a chave da possibilidade do debate da soberania nacional. Está colocado nesse momento. Parece contraditório, né? Parece que está mais longe, mas se olhar bem, parece que está mais perto. Então como ter a medida justa e o aprofundamento sobre o tema da soberania nacional.

Indisciplinar: Até com relação à sociedade como um todo. Isso não era um tema. Aparentemente ninguém tava preocupado com a geopolítica. E agora as pessoas, as pessoas comuns inclusive, começam a se alertar para esse tema da soberania.

Joceli: Eu diria que é um segundo elemento de encruzilhada. Eu diria que existem três elementos de encruzilhada: um é a soberania nacional, o segundo é a soberania popular. Nós estamos em um momento histórico no Brasil em que nós vivemos de trinta anos para cá muitas transformações. Primeiro é a oportunidade do povo brasileiro se comunicar, as relações de comunicação avançaram muito no Brasil, de interligação regional, por exemplo. Segundo, a concentração, em pólos regionais nas grandes metrópoles trás uma configuração nova no país, o que vai se chocar com o Brasil rural anterior, disperso e distante. Então nós estamos em um momento de possibilidades quanto ao debate da soberania popular. Nós estamos numa fase de desenvolvimento enquanto povo brasileiro. Tanto que é decisivo para eles, os instrumentos de massa são muito disputados neste momento, porque se isso permite a disputa do poder pelo mal, pode permitir pelo bem também. Então esse é o grande desafio desse momento que está colocado que as condições objetivas de formação, de informação do povo brasileiro, está colocado. Por mais que a base ainda seja conservadora pela nossa herança cultural, nos permite dar um salto nesse momento histórico. Por isso que eles atingem diretamente algumas questões. Primeiro a questão indígena. Claro que eles atacam frontalmente a questão indígena, porque a questão indígena é o primeiro acerto de conta na soberania popular que nós teremos que fazer enquanto processo histórico brasileiro. Segundo é a questão do racismo, um acerto de contas que nós teremos ter com os escravos que foram libertos para um novo tipo de escravidão, que foi a exclusão deles do Brasil. Que é através de todos os mecanismos utilizados na transição para a libertação da escravatura do Brasil e, aí também o acerto sobre a divisão terras e de tudo isso que nós já sabemos. O elemento racismo é estimulado nesse momento, inclusive, por quê? Porque o que está em questão é esse debate, dessa grande potencial cultural brasileiro e afirmação enquanto povo que é da raiz afro-descendente de nosso país. Um terceiro elemento é a nossa herança europeia que é um potencial nesse momento histórico também.

Ou seja, nós estamos num momento, eu diria de grande processo cultural, de potencialidade cultural. O uso do conservadorismo para tentar anular esse nível de potencialidade que nós temos enquanto povo brasileiro, ou seja, a condição de soberania popular. De repente esse povo se achar enquanto povo-nação e ver que é uma potência extraordinária, sentir-se grande, sentir-se poderoso e dizer "e que tal, então, nós fazermos o acerto de contas com a questão política em nosso país".

Indisciplinar: Sim, e poder entrar na universidade, estudar, ser médico, advogado...

Joceli: Exatamente, vem a pauta da democracia. Que diz respeito não só sobre os elementos políticos da democracia, como também sobre os elementos sociais da democracia: a distribuição de renda, de igualdade social, ou seja, de projeto de desenvolvimento comum para esta nação. Então, essas três questões, a soberania nacional, a soberania popular e a soberania democrática do nosso povo brasilei-

ro, estão colocadas na encruzilhada do nosso destino novamente na forma como o contexto internacional se organizou, para mais uma vez, a partir do contexto internacional, intervir aqui. É uma intervenção externa. A avaliação do MAB é que os elementos da crise do capitalismo, os elementos de como isso configura na disputa geopolítica é que dão base ao atual do golpe no nosso país, institucionalizado agora por meio do instrumento da guerra híbrida em vitória eleitoral.

Quais são as contradições que essa condição vai trazer pro país? Chamamos as cenas do próximo capítulo. A Primeira é o cenário internacional. Há um certo conservadorismo e analfabetismo político e econômico mundial quando se diz que “eu vou me associar a parte que é mais forte que é o imperialismo norte-americano”. Quem disse que é a parte mais forte, cara pálida? Será que o exército brasileiro é ignorante a ponto de não ver a correlação de força internacional e a disputa, inclusive na esfera militar? Esse é um primeiro elemento de contradição. Por que? Porque eu não tenho como afirmar um projeto econômico de associação aos Estados Unidos sem criar um problema econômico e político interno.

Indisciplinar: E os Estados Unidos de Trump, né? Das forças conservadoras americanas? E não as forças, vamos dizer, neoliberais progressistas. E se o Trump perder as eleições, por exemplo na próxima eleição? Isso aí está em aberto, ele pode perder a eleição.

Joceli: Que é outra coisa que nós poderíamos avaliar assim: qual é a contradição que o conservadorismo, que esse momento político mundial vai trazer na disputa mundial? Estão aparecendo sinais à esquerda. A Inglaterra, inclusive, tem a possibilidades de ter eleições à esquerda. Num dos pólos da disputa geopolítica, que é dos Estados Unidos, está se colocando, pela primeira vez, um elemento à esquerda. Então aqui no Brasil, quais serão as cenas do próximo capítulo? Tem uma contradição econômica de cara, tem uma contradição política de cara. Porque, veja bem, se eu rompo relações com a China, quem que é o primeiro que perde aqui no Brasil? Mineração e agronegócio. E como é que isso se estrutura como força política no congresso nacional? Se no período eles sempre foram os grandes financiadores dessa campanha eleitoral do Brasil, fazem parte do bloco de poder hoje no atual governo. Como é que vai ser a correlação de força interna nessa disputa? Isso mostra que não é bem assim da forma que a propaganda apresenta. E se for assim, quais são os elementos da contradição? E o que que essa contradição pode retomar de janelas abertas para a retomada da proposta de desenvolvimento econômico integrando o povo brasileiro? Então essa é uma questão central. O papel de uma outra composição em que vários ministérios são formados por militares. Além disso, claramente, tem uma construção nova nas forças armadas no Brasil. Para quem viu a entrevista do Villas Boas, tem um problema na esquerda. A esquerda quando olha para os militares olha de forma cega talvez pelos traumas. Claro, faz parte. Todo mundo que foi traumatizado, carrega o trauma e traz problemas sérios

para uma visão da realidade. Não é menosprezar os traumas e os problemas que eles trouxeram e os acertos de conta com esses traumas, mas às vezes enxergar do ponto de vista do que está se dizendo ou está se organizando nesse momento histórico.

Claramente, duas coisas que foram pautadas nessa fala foram: Qual é o projeto econômico do desenvolvimento do Brasil perante a divisão internacional do trabalho? Não foi com essas palavras, mas é isso que está sendo pautado. Ou seja, qual é a proposta que nós queremos, ou precisamos, ou podemos construir? E nisso tem uma elaboração. Eu imagino que não é só uma palestra, só a fala do general das forças armadas. Eu imagino que esse debate deve estar internalizado nas forças armadas. Um outro debate, que é uma certa avaliação, uma certa autocritica sem dizer, sem juízo de valor, do que foi o papel da guerra fria no Brasil e o papel dos militares a partir da guerra fria e como isso foi sendo estruturado além do atual papel do exército brasileiro. E aí vem uma outra questão. Tem uma posição política frente à realidade brasileira que é falada como um papel interno ao nosso país. O que é mesmo o papel interno das forças armadas nesse momento do país? São coisas que vão se chocar com esse novo governo que vão ser colocadas em questões com a sociedade. Os militares, os participantes de um governo, por mais que existam, não estão participando do governo mas, obviamente, as relações estão claras, compostas aí. Vão aceitar um projeto subordinado de entrega e colocar na lata do lixo a soberania nacional do nosso país?

Indisciplinar: É, eles já se posicionaram contra a venda da Petrobrás, da privatização do complexo da Petrobrás. Mas, até então, se abstêm em relação a venda das refinarias que eles mesmo produziram.

Joceli: Então, mas veja só, que é uma coisa diferente que está se organizando aqui: Está se dando dentro de um governo conservador uma condição de uma afirmação econômica que é uma disputa clássica da crise do capitalismo que não seria permitida pro Brasil. E aí? O que isso vai trazer de elemento novo na conjuntura internacional? Obviamente que é uma análise que nós temos, que a tendência em curto prazo não gera um desenvolvimento econômico e inclusão das massas, então o elemento que tem sido propagado, que eu acho que não é blefe, acho que eles irão tentar fazer, mas não acho que não vão conseguir fazer, é o esmagamento das forças progressistas, que está sendo colocado como foco e prioridade. Tenta-se disputar as massas a partir do conservadorismo e da eliminação da parte progressista, é porque há um medo do que apresenta enquanto projeto de inclusão das massas ou que tem a oferecer. Mas isso não vai resolver esmagando a esquerda. Não vai sustentar pelo conservadorismo a paralisia das massas. Então, tende-se a um momento de muitas tensões sociais e possíveis contradições que nós devemos discutir e nos preparar para esse momento. Por isso é importante debater o papel das organizações populares, da sociedade civil nesse momento histórico.

E, a partir disso, nós vamos ter que fazer um balanço. Um balanço na perspectiva que fomos derrotados estrategicamente anteriormente. Que nós não necessariamente estávamos preparados para fazer uma luta adequada nesse momento histórico. Nós vimos a fragilidade que foi no enfrentamento. Nós fizemos coisas extraordinária em curto espaço de tempo. Nós tivemos a capacidade de construção de unidade, nós tivemos capacidade de construção de novas ferramentas, nós tivemos construção de participar das eleições, inclusive. Não foi uma concessão a questão eleitoral que fazia parte da estratégia. Os elementos de resistência em nosso país, as condições para fazer a resistência estão colocados. Então esse é um desafio importante neste momento histórico que nós não vamos aceitar calados, que vão ter contradições que nos possibilitam fazer um balanço e ver quais foram as lacunas enquanto projeto possível para o Brasil nesse momento. Esse projeto que casa os interesses da soberania nacional, da soberania popular, da soberania democrática do nosso país. Isso tem que virar base de um projeto. A esquerda tem que ter capacidade, as organizações populares sociais, se indicarem, ou seja, as forças vivas da sociedade tem que ter a capacidade de fazer um balanço do ponto de vista do que apresenta enquanto projeto de desenvolvimento econômico. Isso é quase uma coisa inexistente na esquerda. Nós, pela questão energética - o MAB discute a questão energética - várias vezes nós falamos nos vários encontros que nós precisamos discutir qual é a proposta de política industrial da esquerda. Não tem. Há uma cegueira como se isso tudo fosse um negócio de técnicos, fosse um negócio de assessores, ou seja, não é incorporado. Qual é a proposta de desenvolvimento industrial da esquerda? Então esse é um balanço que nós precisamos fazer. Dessa forma, nós víhamos construindo lampejos desse projeto num ciclo anterior, eu diria. O modelo do pré-sal cutucou a onça com a vara curta. É um lampejo do potencial que tem o Brasil de se colocar no projeto de desenvolvimento econômico no mundo hoje. E as condições que permitem isso? A atual geopolítica e a atual contradição. Se não ele vai ver que tem direito, vai ver que tem as condições para avançar. Então esse é um tema do balanço. Segundo tema do balanço: não basta ter o projeto e o colocar como objetivo. Por si só isso já é uma grande questão. Nós temos feito pouco isso. Qual é a afirmação do projeto, mesmo? E como nós afirmamos ele como objetivo. Não em um programa, em um papel, em um documento. Documento não resolve nada. É enquanto força política na sociedade para colocar esse projeto.

E aí vem um outro balanço fundamental. No Brasil, nós estamos em dúvida do ponto de vista das esquerdas da América Latina que teve uma grande derrota do socialismo real de qual o papel da resistência na América Latina, nas revoluções da América Latina que continuava acontecendo muito latentes. E aí teve um elemento de afirmação, principalmente como Cuba se afirmou no mundo. Era fundamental atualizar a forma de fazer a luta, disputando o poder político através das eleições, mas com foco central em tomar o poder político. Essa é a grande lacuna. Porque tomar poder político não é decisão política só. É fundamental ter decisão política

e tomar o poder político, a questão é como construir as forças para isso e aí nós vamos ver a grande lacuna. Por que que as massas não compareceram agora? Foi grande a vitória eleitoral nossa do ponto de vista de ter em torno de 47 milhões de votos. É uma massa extraordinária. E isso porque uma boa parte não votou. Então dizer que todo mundo é direita é errado, uns cinquenta e poucos milhões não são. Até porque muitos, se fosse o Lula candidato, votariam no Lula com certeza. Então, direita e esquerda não diz nada do ponto de vista das massas. É como que se construía a força social para a implementação desse projeto através de um trabalho enraizado nas massas. Isso não tem mais no nosso país. É quase uma coisa inexistente. Que é o trabalho da relação das organizações, sociais, políticas, civis com as massas. Com o tal do trabalho de base. O que é o trabalho de base? Não é eu ir lá no meio da favela conversar com o povo. Isso é passeio. Eu posso até atrapalhar a lógica deles lá. Então o trabalho de base é quando eu vou lá afirmar o meu projeto, eu vou disputar o cidadão comum lá da favela para o que está acontecendo no Brasil e qual a possibilidade do projeto e como esse projeto lida com seu interesse imediato. É a minha casa, é o meu emprego, é a minha escola do meu filho, é meu posto de saúde... Ou seja, então nós votamos enquanto esquerda mesmo não tendo projeto. Ele tá difuso e ele tá como programa de governo. Então ele já não vem assim, o interesse da autonomia popular. Ele não se firma como força social na sociedade. Então esse é um balanço que nós precisamos fazer. Ou seja, vai vir a estratégia de organização social ou política dos sujeitos históricos desse momento. Que é um outro balanço que nós temos que fazer. As organizações estão despreparadas para na atual forma institucional de como se organiza para essa tarefa. De ter o projeto e de ter a intencionalidade sobre as massas. Para isso falta organização. Inclusive institucional. Enquanto que do lado de lá, quanto aos elementos estratégicos de poder do imperialismo, do conservadorismo, do próprio capitalismo, está muito clara essa disputa. Um debate que nós temos que enfrentar é como essa disputa se dá na sociedade. Parece que todo mundo é totalmente do bem. Mas não é bem assim. Tem atores que estão sendo dirigidos por uma estratégias bem, de fato disputar ideologicamente e não permitir a incorporação de um projeto mais ousado de trabalho de base nas massas. Isso hoje aparece muito nas ONGs como forma do grande império atuar e vêm atuando assim desde o momento da derrota estratégica a nível internacional do socialismo real, da América Latina quando se afirma a disputa meramente eleitoral, não pelo um poder político, vamos ver que não é só opção dos partidos. Na sociedade isso vai ser disputado, vai ser organizado com novos atores sociais que se organizam para desmobilizar, para desorganizar, para não permitir a unidade de um projeto comum.

Indisciplinar: E talvez até em um conceito que a gente está tentando começar a estudar que é a questão da dissidência controlada. Que você controla essa dissidência, essa insatisfação.

Joceli: Exatamente. Nós estudamos no MAB que as grandes empresas utilizam contra nós as técnicas de resolução de conflito. Essas técnicas de resolução de conflito não são para resolver o conflito. São para resolver do ponto de vista da empresa, ou seja, não permitir que o atingido se organize, se mobilize, porque isso traz um conflito que eu vou ter que gastar se ele se organizar para ter o seu direito. Então o que as empresas fazem? Constroem técnicas de resolução de conflito. Essas técnicas são embasadas em instrumentos elaborados na universidades, inclusive, para resolver isso. Com mecanismos de psicólogos, antropólogos e de várias ciências humanas para disputar isso. E isso também se afirma no financiamento de ONGs, para ter interlocução, ou seja, roubar a interlocução do movimento social de construir uma força própria capaz de reivindicar o seu direito. A Amazônia que o diga, né? Quantas mil ONGs encontramos na Amazônia nesse momento? A pergunta é: fazendo o que, para que, com que projeto político? Com isso eu não estou querendo riscar o papel das ONGs da possibilidade de uma construção unitária de um projeto. A questão é, num balanço geral dos instrumentos de organização social, como distinguir quem são os que estão atuando ao nosso lado e que precisam recuperar a sua organização e quem são os que precisam ser combatidos nesse momento histórico?

Indisciplinar: A própria saída que foi dada para a recuperação da bacia do Rio Doce, ela vem através da criação de uma fundação. De uma fundação privada, a Renova. Ela contribui também para esse controle das empresas sobre o território atingido e de alguma forma isso ameaça também a soberania nacional, já que é uma empresa transnacional controlando o território, a partir do uso dessas estratégias.

Joceli: Sim. Esse debate foi feito aquela vez lá no Sexta Valente no balanço de um ano, né? Além de fazer o balanço de um ano, nós tentamos identificar as estratégias que estavam por trás dessa disputa e se foi de fato um crime. É um crime porque não foi avisado à população que ia romper e eles sabiam ou teve um possível planejamento em relação à lógica produtiva ali? Existe também uma disputa inclusive entre as duas empresas. São duas das maiores multinacionais da mineração do mundo. Inclusive tem que estudar isso como configura essa relação política entre elas. Uma locada no centro de um polo da disputa intercapitalista mundial, que é o papel da Inglaterra e a forma que ela se organiza no mundo. A Inglaterra enquanto um polo de disputa casada, associada às outras elites. Na postura da guerra, aqui no Brasil e na forma que ela vem fazer a disputa geopolítica aqui e o grupo Vale, como ele se configura nessa disputa. O fato e o óbvio é o seguinte: a base natural minerária está sendo disputada e o Brasil vai ser ator principal no próximo período. Quem tiver as empresas aqui, estruturadas aqui, ou associadas a ela é que vai ganhar essa disputa. Então a Vale se torna extraordinariamente estratégica nessa disputa internacional. A pergunta é: como esse crime

acirra ou não essa disputa? Até onde se junta ao plano de interesse econômico e imediato sobre aquela base produtiva e até onde esse crime é usado nessa disputa geopolítica. Porque que até hoje a Samarco não botou o pé lá? A pergunta é: a Samarco não tem poder político para ter voltado a operar depois de três anos ou faz parte um plano intencional? E ela tem ganhando dinheiro parada. Que é uma das grandes questões. Algumas perguntas podem nos esclarecer isso. Primeiro, onde é que está indo o contrato de energia que a Samarco tem com a Cemig? Para quem eles tão vendendo energia e a que preço? E quanto que isso gera sem nenhum trabalhador? Um computador e um contrato que eu passo direto para o outro, comercializando ele e ganhando bilhões na atual preço de energia. Especialmente para eles que geralmente comercializam no mercado de curto prazo. Mecanismo que eles usaram inclusive quando estavam com uso ativo de energia. Foram 400 e poucos milhões na venda da sobra de energia. Parado é interessante para elas, que ganham dinheiro do seguro de uma das grandes seguradoras internacionais. Mas tem uma outra questão, a disputa pelo território. A Vale considera que “isso aqui eu já tenho, não tô disputando. Se a minha parceria que fortalece meu inimigo, por que que eu não paraliso e potencializo onde é só meu?”.

E as minas do Pará são muito mais produtivas que as de Mariana. Agora, enquanto projeto econômico é extremamente rentável porque possui uma estrutura organizacional perfeita. A mina é menos eficiente que a do Pará, mas tem um sistema logístico estruturado, ou seja, bem montadinho, com a fábrica, contrato de energia, com a logística construída que permite por anos ser o extrativista de matéria prima. Então, por que essa briga em torno da retomada da operação?

Nem apresentou um projeto logístico para voltar a operar. Quando é que vai ser? Em três anos não apresentou qual é a nova alternativa para depositar o rejeito.

Está apresentando uma medida paliativa que vai durar dois, três anos. E por que não apresentou uma medida estrutural se a mina no atual ritmo que vinha extraindo ainda tem mais 112 anos de exploração? Ou seja, tem uma exploração a longo prazo, tem uma estrutura consolidada que precisa ser otimizada o mais rápido possível, então pode fazer funcionar essa unidade de negócio. Por que ainda não apresentou uma lógica estrutural sobre o rejeito de minério? Está esperando não ter germano para apresentar a forma definitiva? Ou está fazendo briga “de tempo” com o adversário mundial na disputa geopolítica nesse momento? Tudo é possível. Provavelmente daqui um tempo nós vamos saber melhor disso.

Tirando a disputa entre eles e a disputa pelo grande capital, vem como elas [as empresas] vão pagar essa conta. Isso fica claro nos métodos e nos mecanismos estabelecidos pela Vale, pela BHP que são responsáveis do crime através da Samarco e montaram a fundação Renova como uma das estratégias. “Eu tiro o meu CNPJ, boto um outro CNPJ para responder a partir de um acordo que eu faço pelo meu poder, do meu CNPJ, né? Junto com as instâncias do poder do Estado. Eu afirmo determinada coisa que me interessa, coloco uma nova fundação a gestar esse acordo e a partir dessa [fundação] estabeleço uma relação de disputa pelo

território, disputa de poder no território que no Rio Doce coincide com o transporte do sistema de logística da Vale". E aí a gente vê claro: primeiro, as técnicas de resolução de conflito; segundo, a terceirização do crime; e terceiro, o uso do crime como uma oportunidade de negócio afirmando uma força social no território através da computação de várias entidades, de várias instituições para esse trabalho. Ou seja, capitalizam o crime, constroem a base de sua atuação a partir das técnicas de resolução de conflito para inibir qualquer organização autônoma dos atingidos que, obviamente, tendo uma organização autônoma confrontam "quais os motivos do crime? O que de fato está sendo explorado aqui? Isso aqui é de quem? Serve para quem? Para que esse tipo de projeto? Questionam economicamente o negócio e, mais do que isso, se reconhecem no território como um sujeito de direitos e um sujeito de direitos não só corporativos. Corporativo dos interesses econômicos de como é que vai solucionar o problema do passivo socioeconômico, mas do grande e presencial ator de visão e eu diria assim, de protetor do meio ambiente. Por que? Porque o crime ambiental é de tamanhas proporções, que talvez se um dia tivesse uma medida real econômica para solucionar o passivo ambiental criado pelo rompimento da barragem, talvez não viabilizasse o próprio negócio mais.

Então elas [as empresas] precisam ter uma força no território que não permite a manifestação dessa noção ambiental por uma força popular na sociedade, porque o povo vai cobrar. O povo é sensível, só que ele tem uma contradição. As famílias daquele território sofrem tentativas de manipulação pelos vários esquemas que estão sendo construídos. Mas o fato delas serem contaminadas ambientalmente - isso está se provando e se desdobrando ainda do crime -, não tem como tem como tirá-las da situação de olhar para questão ambiental. Os problemas da saúde começaram a acontecer.

Da mesma forma, tem o problema das atividades econômicas que não tem como retomar enquanto não resolver a contaminação, a exemplo da cadeia da pesca. Então esse é um entrave que faz a empresa admitir gastar bilhões, mas ao mesmo tempo, combater a lógica de empoderamento do sujeito de direitos, e eu diria, também combater o olhar sobre a questão ambiental, porque a vida desses atingidos está em risco nesse momento.

Então essa é a briguinha que nós estamos acompanhando e que, a maioria não tá vendendo, a maioria está vendendo uma oportunidade de negócio. É só olhar para nossas organizações, né? Em um período de crise em que vivenciamos um golpe e vários projetos de governo, muitas organizações estavam com sua base colocada ali, dependentes de um projeto de governo e aí aparece, de repente, num momento de crise uma oportunidade de negócios.

A partir de um computador, eles constroem um projetinho baseado na lógica do consenso e partem para o território e fazem coisas absurdas, sendo alicerce desse capital aí que tá destruindo tudo e todos, e sendo base para uma disputa muito maior que a gente possa achar que se apresenta nesse momento histórico. Então, essa é uma lacuna: o papel da organização nesse momento histórico.

Então a luta, na qual a gente firma a resistência corre dois riscos graves nesse momento nesse conjunto. Primeiro é o risco de não fazer o balanço necessário da realidade. Crise ideológica para isso não falta, para não enxergar a realidade como ela é. Segundo é que não tenha proposta política cabível ao momento histórico.

Então a gente pode cometer equívocos: um é, como eles estão ameaçando me exterminar, é eu fugir, me esconder, nem existir mais enquanto organização. Isso não vai trazer nada em contribuição, porque a luta espontânea, as tensões sociais dentro desse plano não vão levar o Brasil a lugar nenhum, sem a afirmação de um projeto de poder, de força social, de atuar nas contradições. Segundo é o voluntarismo. Então agora vou radicalizar assim como eles querem e vou cair na arapuca. Vou ser esmagado por inconsequência. Porque eu não tenho o apoio da sociedade para ações inconsequentes. O povo não é bôbo, e por isso não se coloca em risco. Especialmente o Brasil que tem sua formação muito inteligente, eu diria. As massas sabem sobreviver num país em um dos momentos mais difíceis da conjuntura. O problema é que esse voluntarismo se isola das massas. Então vai ser provavelmente esmagado.

Qual é a tarefa? É construir o projeto, fazer o balanço e adequar a estratégia de resistência nesse momento histórico. A gente fala inclusive, que tem que estudar e apropriar de quais são as formas de resistências que foram construídas a nível mundial. Quais as possibilidades da articulação internacional? Como é que eu me relaciono a nível mundial? Como é que eu me posicione nessa questão?

Então a questão internacional é estratégica nesse momento. A questão de fortalecer as convicções e a inteligência coletiva, o debate com a sociedade é fundamental. Eu tenho que fazer o debate com a sociedade, né? Então esse é o momento que afirma o papel dos movimentos. Não só pensar no empírico. Se minha categoria está sendo agora exterminada porque vão privatizar o setor de saúde, por exemplo, está sendo exterminada porque tem um projeto político, tem a disputa internacional e que se a gente não tiver construído um projeto político e esse projeto político não se estruturar nas massas, a gente não vai fazer disputa real. Aliás, não vai nem participar da disputa. É pior. Nem terá a chance de participar dessa disputa. Então esse é o desafio da construção das forças nesse momento histórico, diante do contexto internacional e conscientes do papel que o Brasil exerce nesse cenário internacional. Ou seja, nós temos uma responsabilidade muito grande no momento histórico do nosso país enquanto classe trabalhadora, enquanto instituições que sonham ainda que um Brasil soberano, democrático e popular seja possível.